

Pouzzol—vista da ponte de Calígula.

A parte do decaído reino de Napoles onde está situada a cidade de Pouzzol tem sido notável em todos os tempos pelos seus phenomenos e revoluções frequentes, razão por que os antigos a denominavam *Campos de Fogo* (*Campi Phlegræi*). Dir-se-ia que as chamas, a agua, os homens, a arte e a natureza tinham disputado o dominio de um solo que alternativamente lhes devia a destruição e o aformoseamento.

Este territorio, ocupado sucessivamente pelos povos mais activos e poderosos do universo, os gregos e os romanos, tão depressa era arrazado pelas commoções subterrâneas, como consumido nas cinzas dos vulcões. Entretanto, apesar destas constantes vicissitudes, a vetusta Pouzzol, exaltada pelos mais eminentes poetas e oradores, tornaria-se predilecta da nobreza e da opulencia, que mandaram construir n'aquelle cidade magnificos palacios, sumptuosas habitações, e até o proprio Cicero, seduzido pelos encantos do ameno clima, possuia ahí uma casa de recreio á beira-mar e outra em Cumæ, ás quaes chamava os seus estados.

Colocada a duas leguas e meia de Napoles e a uma de Baies, Pouzzol eleva-se ao fundo de um golpho de legua e meia de largura; esta boa situação, a belleza do seu porto formado pela natureza, incitaram os habitantes de Cumæ, muitos annos antes da vinda dos romanos áquelle ponto da Italia, a edificar uma pequena cidade, que denominaram *Dicearchia*, designação que ha sido objecto de graves conjecturas, de pesquisas infrutuosas. Pouzzol, em latim *Puteoli*, parece dever a origem ao grande numero de nascentes de aguas mineraes que havia no terreno, um dos principaes attractivos para os romanos.

Os habitantes de Pouzzol, colonia grega, conservaram por muito tempo as suas leis e magistrados, assim como a forma republicana de governo; durante a dominação romana nomeava ainda os seus archontes; pouco a pouco, porém, foi perdendo as suas prerrogativas e liberdade.

No tempo de Nero esta cidade recebeu o titulo de *Colonia Neroniana* e obteve tambem os direitos de colonia; o seu porto foi augmentado com excellentes molhes, o que se observa mesmo das ruínas das construções que, desde tantos séculos, resistem aos esforços continuos das vagas. O povo confundiu estes restos com a celebre ponte de Calígula, resultado de uma extravagancia memorável que Tacito e Suetônio referem minuciosamente, e da qual trataremos n'outro numero d'este semanario.

A.

O PRÍNCIPE EUGÉNIO DE BEAUMARNAIS e as memórias que lhe são relativas.

... ab auditione mala non timebit.

Ps. CXI 7.

VII

Somos chegadas a um acontecimento, que teve extraordinária influência na marcha das cousas políticas dos primeiros quinze annos do século que vai correndo.

Queremos fallar da resolução que tomou o general Bonaparte, depois da batalha de Aboukir, de abandonar o Egypto para voltar á França.

Ouçâmos Eugénio n'este decisivo instante, e recolhâmos todas as suas palavras, pois que são as de uma testemunha presencial, collocada na

posição mais própria para saber todos os segredos do homem extraordinário, que em breve passou a tomar conta dos destinos da França:

«Havia muito tempo que estávamos sem notícias de França, e creio não me enganar quando digo que havia oito meses não tínhamos visto *jornaes*, a não serem alguns pedaços que continham ruins notícias, espalhados de propósito pelo inimigo, com o fim de desalentar o nosso exército. O General Bonaparte aproveitou a sua estada em Alexandria para alcançar alguma luz sobre a situação política da França. Para este fim, e sob pretexto de algumas trocas, entaboliu relações com o cruzeiro inglez, e de tal arte soube lisongear o amor próprio do respetivo commandante, que este, não querendo ficar atraç em cortezia, mandou-lhe um secretário com uma grande quantidade de *jornaes* franceses. Era exactamente o que desejava o general Bonaparte; nem as suas negociações tinham outro fim.

«Junto de Bonaparte estava eu, quando se pôz a lêr aquelles papeis, que lhe revelaram todos os nossos desastres, a perda da Italia, e a ruína proxima da França. A proporção que ia lendo soltava estas exclamações: — *Miseráveis!... E' possivel?... Pobre França!... O que elles têm feito!...* — e outras expressões enérgicas.

«A sua agitação foi crescendo; no auge da sua impaciencia arremessava para cima da meza os *jornaes*, e alguns d'elles chegaram até onde eu estava. Aventurei-me a percorrê-lhos com os olhos, e o meu general não levou a mal a minha curiosidade. Mandou-me sentar, e assim passámos a noute a lêr aquelles papeis, em numero de mais de cem: quando terminou a leitura, ordenou-me que os reunisse em um masso, recomendou-me o maior segredo, e devolveu os ao cruzeiro inglez. Adquiri eu depois a convicção de que n'aquelle noute se decidiu a voltar á França; com quanto elle nunca me fizesse confidente de uma tal resolução.

Depois que a Fortaleza de Aboukir se rendeu, voltámos ao Cairo, onde o general Bonaparte se ocupou com o maior segredo dos preparativos da sua partida; e tão completamente foi guardado o segredo, que eu, apesar da circumstancia que referi, não pude ter nem sequér a menor suspeita, pois que n'essa occasião recebi ordem para me apromptar para ir ao alto Egypto, e n'essa conformidade se fizéram todas as nossas disposições.

Finalmente, no dia em que o general «Bonaparte fixára comsigo só, encaminhámo-nos repentinamente para o baixo Egypto, e depois de dous dias de marchas forçadas avisinhámo-nos do mar. Grande espanto lavrava entre nós; ninguém sabia explicar uma partida tão repentina, uma jornada tão singular; até que o general, para pôr um termo ás conjecturas e ao discorrer do seu estado maior, anunciou que tinha tido noticia da apparição de uma esquadra inimiga, e que receiava um novo desembarque.

Nas proximidades de Alexandria fui mandado ás bordas do mar, para indagar se havia alguns preparativos de desembarque. Quando voltei, interrogou-me o general com uma espécie de anciadade: mas em breve divisei no seu semblante a expressão de contentamento, desde que lhe declarei que havia avistado duas fragatas, as

quaes me pareceu têrem bandeira franceza. E rasão tinha elle para se alegrar, pois que via sahirem-lhe bem os seus projectos, sendo aquellas as fragatas que nos haviam de transportar a França!... Sem detença me revelou o seu plano, dizendo-me: *Eugénio! vás tornar a ver tua mãe!*... palavras estas, que não me causaram toda a alegria que eu devia sentir!

«Embarcámos n'aquelle noute, e notei que os meus companheiros de viagem quinhoavam os meus sentimentos de inquietação e de tristeza. O mysterio que encobria a nossa partida, o pesar de deixar os nossos bravos camaradas, o receio de sermos capturados pelos ingleses, a pouca esperança que tínhamos de tornar a vér a França... tudo isto explica sufficientemente o estado da nosa alma.» =

São bem conhecidos os promenóres d'essa viagem, tão arriscada, quanto afinal venturosa, do Egypto á França, — do desembarque em Fréjus, — da ovaçao contínua que o general Bonaparte recebeu em todo o transito até Paris, — e do entusiasmo extraordinario que excitou a sua presença na capital. Omittirémos pois toda a narração respectiva, tanto mais, quanto o principe Eugénio não aponta particularidade alguma, com referencia aos negócios publicos, que merêça ser recolhida.

Mencionarémos apenas uma circunstancia, que diz especialmente respeito á illustre mãe do principe Eugénio.

Na cidade de Lyão, onde o general Bonaparte foi recebido com um entusiasmo — que tocou quâsi nas ráias do delirio —, separou-se elle dos seus companheiros, e partiu em uma carruagem ligeira, para mais depressa chegar a Paris. — «Por uma fatalidade deploravel, diz Eugénio, minha māi, que, ao receber a primeira noticia do nosso desembarque, tinha partido para vir ao nosso encontro em Lyão, seguiu a estrada de Borgogne, ao passo que seu marido passava pelo Bourbonnais. Veio assim a succeder, que chegámos a Paris quarenta e oito horas antes de minha māi; de sorte que os inimigos della tiveram o campo livre, e aproveitáram aquelle tempo para a indispor em com seu marido. Assim o reconheci, quando vi a frieza com que elle a recebeu; e pude convencer-me de que o general conservava as ruins impressões, que eu diligenciara desvanecer por occasião das confidencias que elle me fizéra.» —

— Notável singularidade dos acontecimentos humanos! Pasmosa diversidade do destino de cada um dos mortaes!

Kleber, a quem Bonaparte deixou o commando do exercito francez no Egypto, morreu assassinado ás mãos de um fanatico, nesse mesmo paiz onde ficára commandando os companheiros que Bonaparte abandonava.

Bonaparte sahe do Egypto, atravessa, com passosa felicidade, os mares vigiados pelos cruzeiros inglezes, desembarca em França, caminha por entre ovações entusiasticas até Paris, e não tarda muito tempo, sem que suba ao mais bello throno do mundo!

Mas, ah! só Deos é grande; ao passo que as criaturas humanas, ainda as que parêcem privilegiadas, estão sujeitas a vicissitudes mil, até que de todo se retiram da scena d'este theatro enganoso! — Bonaparte, que depois tomou o nome

de Napoleão, cahio para sempre do throno de França, e foi morrer captivo e amargurado no solitario rochedo da ilha de Santa Helena!...

— Vamos agora aferir a narração do principe Eugénio pela de um escriptor, que se deliberou a escrever a historia de Napoleão com toda a imparcialidade de uma critica — desembaraçada de todas as contemplações, M. Lanfrey, que já citámos nos artigos antecedentes.

É exacto o haver Bonaparte recebido de Sidney Smith um masso de periodicos, que muito lhe serviram para se inteirar do estado das cousas em França e na Europa. O que a Bonaparte constava, era incompleto e imperfeito; pois que apenas havia recebido uma carta de seu irmão José por intermedio de um grego, chamado Bourbaki, — carta, em que José Bonaparte dava pressa a seu irmão para que voltasse á França.

Os periodicos revelaram a Bonaparte a historia dos revezes por que passára a França; mas o que mais fixou a sua attenção foi o ver o Directorio, em lucta com uma assembléa, que se vingava das humilhações passadas, desconsiderando e vacilante. Desde que recebera a carta de seu irmão, resolvéra abandonar o Egypto; mas só agora, depois da batalha de Aboukir, e em presença das noticias dos periodicos, julgou chegada a occasião de realizar esse projecto.

O sr. Lanfrey abona as asserções do principe Eugénio, repete as suas proprias expressões, e louva a nobreza de sentimentos do illustre mancebo, que se entristecia naquelle conjunctura.

Vem agora a vez da severidade critica: — «Bonaparte podia julgar-se necessário á França em perigo; mas era ainda mais necessário ao exercito, que depositava confiança no seu génio, que de dia em dia se debilitava — até pelas victorias, e que estava em vésperas de ter que medir-se com inimigos mais terríveis do que os tureos, isto é, com os exercitos inglezes e russos. — Pois que fôra elle quem promovéra a mais temerária das emprezas, obrigado estava a tomar parte nos perigos até ao fim. Não lhe era permittido, nem acreditar na possibilidade de enviar soccorros efficazes, nem ignorar que arremessava no desalento os seus companheiros. Os melhores soldados, a flor do exercito, pereceram na desastrosa campanha da Syria; e agora levava consigo o que ainda havia de bons officiaes, o que constituia a força do exercito: Lannes, Murat, Berthier, Marmont, Andréossy, Duroc, Bessières, Lavalette; sem fallar de homens não menos uteis debaixo de outro ponto de vista, Monge, Berthollet, Denon, etc.» =

Não proseguirei mais na severa critica. — Bonaparte não foi sensivel ao pesar de abandonar os seus companheiros á tristissima sorte que os aguardava. Escutou sómente a imperiosa voz da ambição, e voltou á França...

— Acompanharêmos, no artigo inmediato, o principe Eugénio nas suas Memorias.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

MARTYR DE AMOR

(Continuado de pag. 296)

II

Palestra à beira-mar

— Amo-te, Lucia, dizia o mancebo no fervor d'aquele affecto que só na primavera da vida

nos sabe ensinar impulsos sublimes, os quaes, mais tarde, apodamos de ridiculos; amo-te, e o sonho que me povoa o espirito nas mal dormidas noites d'esta febricitação de amor, o sonho que, desperto, me vem encher o vacuo d'esta existencia, só alumniada pela esperança, o meu sonho constante é a aspiração de poder um dia offerecer-te o amparo do meu braço no peregrinar da vida, e caminharmos então juntos, romeiros, descuidados e contentes, seguindo pela senda que o destino nos marcar até á meta da peregrinação, que se encerra na campa.

A donzella baixava os olhos pudibundos, traçava ao acaso, na fina areia da praia, uma letra bem lançada, com a ponteira da bengalinha de Claudio, que ella lhe tomára das mãos para aquelle inocente passatempo; e o mancebo, ao ver que a letra predilecta era sempre o C maiusculo, inicial do seu nome, cobrava novo alento para proseguiir no seu programma ridente de sonhadas venturas:

— Vês o mar, que se nos desdobra aos pés, tranquillo e submisso, como o nobre e adextrado corcel, que, soffreando os fogosos impetos do sangue, que lhe reserve nos veias, vem curvarse junto do cavalleiro que o sabe domar? Vês esta planicie, immensa e infinita como os meus sonhos e como as minhas ambições? Do seu seio, humido e incommensuravel, véjo erguer-se, rissonha e dourada, a visão do meu futuro. Prestes vae findar a minha educação litteraria, e começar depois a carreira de glorias e aventuras que, desde a infancia, phantasiai. Quando sobre o convez do meu navio, ao quarto d'alva, a sós com o infinito, face a face de Deus, erguer minha alma á immensa altura, virá a tua imagem sorrir-me nas margens da terra natal, como fada bemfaseja do porto amigo; quando, mais tarde, distinto pelo meu valor e pela minha bravura, assumir o commando de um vaso de guerra, e vir submissos á minha voz os tripulantes prestes a executar a manobra, e os officiaes da guarnição promptos a transmittir as minhas ordens, se a colera de Deus desdobrar sobre o meu navio as azas negras da tempestade, será ainda a tua doce imagem, ó anjo de amor, a imagem da virgem de bonança, que nos solemnes momentos do perigo invocarei; e, depois, quando, já ao longe, rugir, furibundo e impotente, o trovão, quando os tufões desencadeados serenarem o delirio das suas furias e as encapeladas vagas vierem beijar amigas o costado do navio, serás tu ainda que eu verei, cercada de aureola de gloria, no azul sereno do firmamento, impondo, com o teu sorriso angelico, respeito aos elementos, e será á tua imagem que eu, de joelhos e mãos erguidas, renderei graças pela salvação dos meus.

— Creança! atalhou Lucia com aquella meiga repressão que ensina a vaidade, simulando modestia á mulher que se vê lisongeada. Creança, que te alimentas de sonhos e de esperanças que a triste realidade ha de matar talvez, quando, longe de mim, na tua primeira viagem a paizes longinquos, me esqueceres! Não sabes que esse affecto, que te alenta agora, é volvel como a propria onda, e que a brisa do mar largo dissipa, como se de fumo fossem, as imagens dos que em terra ficam chorando saudades? Ambicioso, verás só a tua gloria; militar, verás só o teu dever; e n'esso alma, tão cheia de impressões,

nem um écho ficará d'estas notas harmoniosas do teu primeiro amor?

— Lucia, o que seria a gloria sem a mulher? As crenças religiosas, ensinando-nos que Deus nos guardava na vida de além da campa uma perenne bemaventurança careceram de opulentar a felicidade da gloria céleia com a presença da soberana rainha dos anjos! Não sabes tu, fada da minha existencia, que os esplendores da vida que sonho só da luz dos teus olhos pôdem receber o brilho? que só no teu sorriso posso colher recompensa do meu lidar?

— Illusão dos teus dezesseis annos, Claudio. O amor, como os licores espirituosos, embriaga mas não alimenta, excita o espirito mas não satisfaz a insaciadade. Eu, creança ainda, no dizer das velhas mamãs e das invejosas tias da nossa sociedade, tenho pensado muito na philosophia da vida, e tenho chegado á dolorissima conclusão de que não ha um só affecto que mereça o sacrificio de um sorriso, que nos murcha nos labios a cada decepção, ou de uma lagrima que nos brota nos olhos a cada desengano! És nobre e generoso no amor porque és creança, Claudio; o amadurecer dos annos e o sopro pestilencial da sociedade te mostrará mais tarde a inanidade de todas essas phantasias que estás sonhando agora. Embala-te deleitosamente na embriaguez d'este affecto e não penses no dia de amanhã! O amor não tem futuro: o amor é o dia de hoje, é como a rosa que vive só um dia, opulenta de aromas, cercada de verdura e... de espinhos!

— Lucia! Lucia! quem te ensinou assim a descrever! exclamava angustiado o mancebo. Tu, no verdor da juventude, como pôdes assim expender doutrina que só a triste lição da experien- cia poderia ensinar?

— A razão supre a experien- cia Claudio, e um espirito culto e intelligente deve antever a ló- gica dos factos, sem carecer d'esse arrimo da ignorancia, que se donomina a experien- cia. Vasco da Gama (deixa-me fallar-te do mar que é o teu sonho), Vasco da Gama não conhecia por experien- cia o caminho da India mas soube adi- vinhá-lo o seu immenso genio; a experien- cia serviu para os outros que lhe succederam. Dumas, filho, diz que a experien- cia é um fructo que se não colhe senão quando está podre; abandone- mos pois o fructo, que nada presta e utili- semos a flor que o antecede. Esta flor é a previdencia que nos ensina, nos factos da vida, a prescindir de tão infeliz e tardia mestra.

— O teu talento desvaira-te, Lucia, e a mulher, que só nasceu para viver pelo coração, não deve jámais antepôr os frios calculos do raciocínio aos impulsos do sentimento. Ama por uma lei sublime e não por uma elaboração da intelligencia; não calcula, nem prevê, é fatalista no amor! Sabes? Quando te ouço essas theorias revoltantes e avéssas á indole do teu sexo e da tua edade, chego ao triste convencimento de que me não amas!

Um sorriso meigo e triste e um estreito aperto de mão foram toda a resposta que a elegante menina deu ao queixume do namorado Claudio. A este curto dialogo sucedeu tenaz silêncio, que nem a vaga adormecida ousava quebrar, de receiosa talvez de fazer esvair o encantamento d'aquella scena. Claudio sentia borbulharem-lhe nos olhos duas d'essas lagrimas, que não ousam

assomar á flor do rosto e que se enbebem no coração. Lucia continuava na areia o seu curso calligraphico, já mais desenvolvido agora, entrelaçando com os CC, os LL do seu nome, e depois outras letras a capricho, ou traços de phan- tasia. O sol, como um globo de fogo que se apagasse pela submersão nas aguas, roubára á superficie lisa do oceano o seu derradeiro re- flexo, convertendo-o n'aquelle massa azul-escura, segredadora de lugubres colloquios, que só re- toma brilho e alegria se a lua em cheio vem com os seus reflexos semear-lhe a superficie de scintillantes lhamas de prata. Começava a haver alli o frio, companheiro da solidão e da tristeza.

A palavra gelara-se nos labios ardentes de Claudio, e Lucia, como que influenciada pela glacial solemnidade do logar, concentrára-se mais ainda nas suas cogitações.

O ceu, retinto da sua cor azul-escura, bordado de myriades de diamantes ostentava toda aquella austera serenidade que a noite lhe dá; ao longe debuxava-se, mal distinta no horizonte, a cordilheira de montanhas que termina n'aquel- le sonho de fadas, que se chama Cintra; ao perto erguiam se, como visão phantastica, desenhan- do-se na tela do firmamento, aquellas variega- das ruinas que coroam, como diadema de de- crepitude, a povoação outr'ora ridente. Ao largo, lá muito ao largo, scintillando nas trevas, como um olho da Providencia, a velar pelos nautas, o pharol da Torre de S. Julião.

O conchego e agasalho do lar convidava a re- colher, e os namorados, descendo do pedestal, que lhes emprestára a poesia do amor, á triste vulgaridade dos mais vis mortaes, sentiram o frio que começava a entorpecer-lhe os membros, e, obedecendo ao chamamento de suas familias, que regressavam de uma digressão pela areia da praia, dispozeram-se para a retirada.

Que importava que ficasse cortado o dialogo no ponto mais interessante d'elle, se na manhã seguinte, pela estrada de Santo Antonio do Estoril, ou na esplanada da fortaleza o reatariam no ponto interrompido, para o interromper de novo, até nova occasião de se encontrarem, for- mando assim esse perenne folhetim de todas as conversações amorosas, que tem sempre um *continuar-se-ha* no fim da sessão de cada dia, e só inscreve no fundo da ultima columna um *conclue amanhã* na vespera do casamento?

Lucia seguiu para casa com sua familia. Clau- dio foi fundear no club, paragem de insipidez, onde todos os miseros humanos que demoram em Cascaes são forçados a ancorar algumas horas de cada noite.

À entrada da sala de bilhar deparou com Christovam de Almeida, que, com um sorriso affectuo- so de irmão mais velho, apertou a mão do recem- chegado.

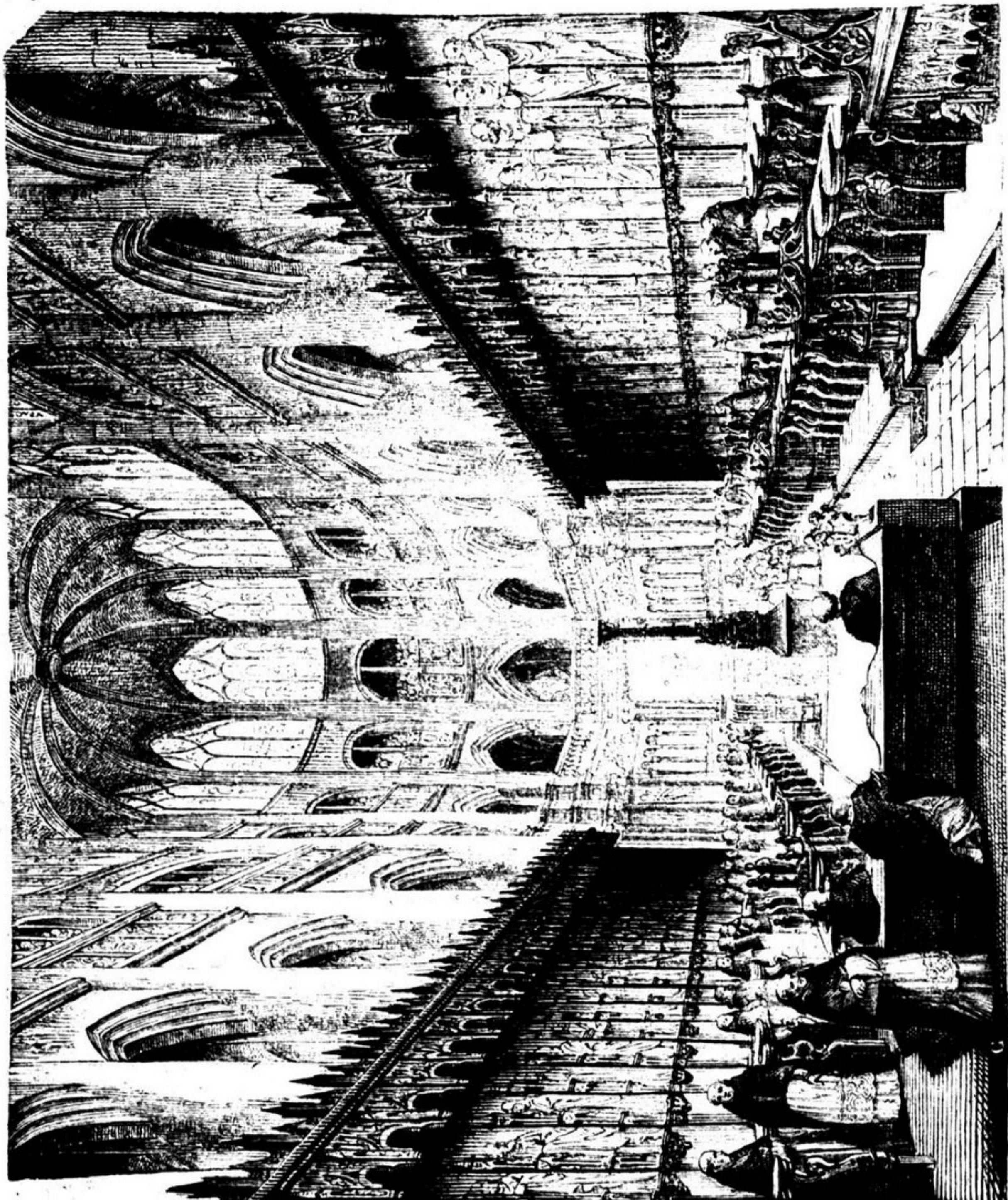
(Continua)

C. B.

INTERIOR DA CATHEDRAL D'AUCH

De uma noticia descriptiva e historica de Mr. Sentetz, publicada ha annos em França, extraímos o que diz respeito á cathedral d'Auch, re- presentada na gravura, reprodução do quadro de Mr. Renoux, exposto nas galerias do Louvre em 1838.

“O corpo inteiro da cathedral é edificado com pedras de lioz, admiravelmente trabalhadas no



Interior da catedral d'Auch

estilo do XV seculo. Simples no conjunto e rico de detalhes, a egreja d'Auch tem um caracter perfeitamente conforme ao objecto da sua consagração. É dividida em tres naves, cortadas por um amplo espaço, formando uma cruz latina da qual o cimo, terminado por hemiciclo, dá idéa das antigas basilicas. As esculturas que decoram exteriormente as portas são notaveis pelo trabalho, e, em parte, pelo comesinho das fórmas. Uma inscripção, que está nos frisos da porta meridional, indica que a construcção d'estas portas é devida ao arcebispo Francisco II, de Clermont, construção que teve logar em 1513. Via-se antigamente, em quasi todos os pilares do lado do meio dia, o seu brasão d'armas, os quaes foram tirados durante a revolução. A porta septentrional era ornada com as armas do cardeal de Tournon, ao qual a cidade de Auch deve a fundação

do seu collegio, que por muito tempo foi celebre. As capellas são separadas umas das outras por paredes ás quaes adaptaram altares de pedra, de madeira ou de marmore, e decorados com architectura moderna, no gosto dos ultimos annos do reinado de Luiz XIII e dos primeiros de Luiz XIV.

«O interior do côro da cathedral d'Auch é guarnecido de dois renques de stallas de madeira de carvalho, sobre os tres lados, formando o conjunto um notavel trabalho de escultura gothica moderna. Em cada espaldar admiram-se esculturas em meio relevo representando figuras do antigo e novo Testamento, de algum santo ou de algum personagem symbolico do christianismo. Cada uma d'estas figuras está assente sobre florões decorados de pequenos baixos-relevos ou de arabescos do mais aprimorado tra-

lho. Os altos espaldares são separados uns dos outros por pilastras ornadas de bustosinhos colocados em nichos ricamente ornamentados. O trabalho de marceneiro, do côro, foi terminado em 1529, tal como o indica uma inscrição gravada na primeira baixa stalle que está á esquerda da entrada. A estante, collocada no centro do côro, é da mesma época, mas está um pouco arruinada.

«As capellas, a grande nave, o côro e os dois braços da cruz recebem luz por duas janellas bordadas de arabescos, e com vidros de côres. As vidraças das capellas correspondentes ás naves lateraes do côro, formam grandes quadros representando personagens do antigo e do novo Testamento; ao baixo do plano da architectura, que forma o fundo de cada vidro, ha pequenos quadros reproduzindo os traços historicos relativos aos personagens dos grandes quadros, taes como: Adão e Eva, a expulsão do Paraíso, a condenação ao trabalho; a benção de Jacob ao lado de uma sybilla, e muitos outros, cujo mixto anachronico de figuras não se nota só na cathedral de Auch, e é um defeito inherente ao primeiro periodo do seculo XVI.

A LAMENTAÇÃO DO TASSO

De Lord Byron

(Continuado de pag. 296)

VII

Aprazia-me a solidão... mas nunca esperei passar uma porção qualquer da minha vida separado da sociedade dos meus similhantes, só tendo communicação com insensatos e seus tyranos... Se fora organizado como elles, já ha muito tempo que minha alma, como a sua, teria participado da corrupção do seu tumulo. Mas quem me viu nunca nos furores da demencia? quem me ouviu nunca delirar? Soffremos talvez mais nestas cellulas que o marinheiro naufragado em praia deserta. O mundo inteiro abre-se deante d'elle: todo o meu universo se encerra 'neste logar, duplo apenas em relação ao espaço que hão de conceder ao féretro. O naufrago pode ao menos na agonia da morte erguer os olhos para dirigir ao ceo uma ultima censura... os meus não se levantarão para o accusar, ainda que a abobada do meu carcere é como uma nuvem entre mim e o ceo.

VIII

Algumas vezes contudo, sinto que a minha intelligencia declina; mas é um declinar de que tenho consciencia... vejo brilhar na minha prisão clarões desacostumados; um estranho demônio me atormenta e inflige-me mil dores lentas, mil vexações imperceptíveis ao homem são e livre; mas muito sensiveis, ai! para mim que tanto tempo hei soffrido tristezas de coração, falta de espaço e tudo o que é possivel suportar-se ou que pôde aviltar; mas quem sabe que espíritos estam ligados com elle... Toda a terra me abandona... o ceo esquece-me... talvez que na ausencia de toda a protecção queiram os genios do mal experimentar sobre mim seu poder; quem sabe se elles prevalecem sobre uma pobre creatura gasta pelo soffrimento. Oh! porque tem minha alma sido experimentada como o aço na

fornalha antes de se amoldar á tempora?... Porque amei; porque amei o que ninguem podia ver sem amar, a menos que fosse mais ou menos mortal, mortal como eu.

IX

Houve um tempo em que as minhas sensações eram vivas... esse tempo já vae longe: as minhas cicatrizes endureceram, e se assim não fora, teria quebrado o crâneo contra estes varões quando via o sol projectar aqui um raio, como para mofar dos meus soffrimentos. Se supporto, se tenho supportado tantos males e muitos outros que não ha palavras que os exprimam, é porque não quiz sancionar com o meu suicidio a estupida mentira que serviu de pretexto para me encerrarem aqui; não quiz que o ferro quente da infamia marcase a minha memoria com esta palavra terrível: «Demencia!» é porque não quiz chamar a piedade sobre o meu nome manchado e sellar eu mesmo a sentença pronunciada pelos meus inimigos. Não!... este nome ha de ser immortal!... eu faço da minha prisão actual um templo que as nações virão visitar pensando em mim. Ó Ferrara! quando tu cessares de ser a mansão de teus duques soberanos, quando vierem desmoronar pedra a pedra os teus palácios até ao teu mais retirado aposento, então o loureiro do poeta será a tua única coroa, o cabouço do poeta será o teu mais affamado edifício, em quanto o olhar do estrangeiro se admirar do abandono de tuas paredes! E tu, ó Leonor, tu que coras de ser amada por um homem como eu, tu que não poderias saber sem vergonha que outros que não fossem monarchas te achavam bella, pois bem! vae dizer a teu irmão que este coração vencido pelos annos, pelo peso, pela fadiga... e talvez que também pela lenta vingança do mal que me era imputado (porque a alma difficilmente resiste á longa infecção de uma masmorra como esta, em que o abismo lhe communica a sua corrupção nativa)... vae dizer a teu irmão que este coração não tem cessado de adorar-te... Acrescenta isto: Quando o homem tiver abandonado, esquecido em uma fria solidão, as torres e ameias que ora protegem a alegria dos seus banquetes, das suas danças, das suas orgias; então esta masmorra, sim, esta masmorra será um logar consagrado. Mas tu, quando se tiver extinto esse brilho magico de que te cercam a gerarchia e a belleza, tu participarás do loureiro que sombrear o meu tumulo. Nenhum poder terá força para separar nossos dois nomes na morte, como nada na vida pode arrancar-te de meu coração. Sim, Leonor, será nosso destino sermos unidos para sempre... mas muito tarde!

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

O NOME DO MARECHAL «MONCEY» EM HESPAÑHA

Em 1808, um official francez, tendo que desempenhar uma commissão em Hespanha, justamente na época em que se commettiam contra os militares toda a especie de atrocidades, caiu nas mãos dos guerrilhas catalães. Despojado do fardamento e mais objectos que possuia, e amarrado a uma arvore, só lhe restava encomendar-se a Deus. De repente lembrou-se do prestígio que o general Moncey adquirira em Hespanha, no principio da revolução, quando elle comandou o exercito nos Pyreneos. Com o auxilio

das poucas palavras que sabia em hespanhol chamou um dos que se preparava para o enforcar e disse-lhe: «Eu sou o ajudante de campo do maréchal Moncey.» Ouvindo este nome o hespanhol affastou-se, e voltou depois acompanhado por seus companheiros, que não só lhe restituiram tudo que lhe haviam tirado, mas até o conduziram, escoltando-o, até proximo dos postos avançados do exercito francez.

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTORICAS E OUTRAS ÁCERCA DO COMMERÇIO

X

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu. De l'espr. des lois. XX 22.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le lien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même Etat, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot. Dict. Gén. de la Pol. vb. — Commerce.

Philosophicamente fallando, diz Bellime, nada ha que constitúa uma especie distinta de direito, nos actos commerciales, que se effectuam por meio de contractos — essencialmente proprios do direito civil.

E na verdade, as operações de compra, de revenda, de banco, de commissão, etc., que são o objecto do commercio, pertencem ao dominio do direito civil, e pelas disposições d'este ultimo podem ser reguladas e decididas. E tanto assim é, que entre os povos da antiguidade não conquistou o direito commercial um logar separado na legislação.

Mas, prosegue o mesmo Belime, o que a logica dos legisladores não tinha feito, fel-o o costume, per si mesmo, na idade média, á hora em que o *negocio* tomava as proporções, ás quaes é devida a physionomia das sociedades modernas. Os mercadores, que aliás não tinham cursado os estudos de direito, foram inventando novos contractos, e imaginando simplificações e garantias — que ainda hoje formam o que se chama direito commercial. Esse tal direito é o mais *costumeiro* de todos os direitos: a lei pouco lhe acrescentou, e pôde dizer-se, com Fremery, que raras vezes applaudiram os commerciantes as innovações tendentes a modificar os antigos usos.

Por fim de contas, porém, e segundo rumo que as cousas tomaram, o direito civil deve ser considerado como base do direito commercial, visto como não se compõe este, senão de um certo numero de excepções das regras ordinarias, — excepções que se fundam na necessidade de apressar a conclusão dos processos; de diminuir as despezas; de simplificar as provas; de attender mais á boa fé, do que á subtileza dos principios; e de facilitar a transmissão dos valores. (1)

(1) *Philosophie du Droit, ou Cours d'introduction à la science du Droit.* Par W. Belime. 2^{me} édition, Paris. 1856. Pag. 431 e 432.

O que dizemos no texto é quasi litteralmente traduzido da obra que ora citamos.

O commercio estende-se a grandes distancias nas suas operaçoes, e necessita de deslocar capitais consideraveis, para effeituar as transacções do seu trafico. A experiecia facilmente fez reconhecer a indispensabilidade de um certo laço entre os comerciantes dos diversos paizes; e reconhecida que foi essa necessidade, foi inventado o meio de estabelecer esse vínculo. Qual meio é esse? A *letra de cambio*, que faz passar de um logar para outro quantias consideraveis, sem desacomodar uma só peça de prata ou ouro. O tempo aperfeiçoou esse meio, que ao principio encontrou dificuldades, e não podia satisfazer a todas as exigencias da circulação commercial. Assim, por exemplo, nos primeiros tempos a letra de cambio era pessoal, e sómente devia ser paga áquelle em favor de quem era expedida; mas veio a clausula de ser paga á *ordem*, e desde logo se resolveu o problema de converter o dinheiro em fluido imponderavel, sempre em movimento na superficie do globo.

É summamente curioso passar os olhos pelo texto da letra de cambio mais antiga que se conhece, qual é a do anno de 1325, datada de Milão aos 9 de março. Para satisfazermos a bem entendida curiosidade dos leitores, neste particular, vamos reproduzir aqui esse documento, que para sempre ficou assinalado na historia do commercio:

— *Pagate per questa prima litera, a di IX ottobre, a Lucca de Goro lib. XLV. Sono per la valuta qui da Masco Reno. Al tempo li pagate e ponete a mio conto e R. che Christo ve guarde. Bonromeo de Bonromei de Milano, IX de marzo 1325.* — (2)

— A reforma das leis commerciales em Inglaterra, e a associação aduaneira allemã, são os dois principaes factos da historia económica do seculo XIX.

Assim se exprimia em 1859 M. Charles Lavollée, acrescentando como desenvolvimento d'aquelle enunciado as seguintes apreciações:

Na Inglaterra vimos substituído ao regimen prohibutivo o regimen do commercio livre, da navegação livre; vimos vencida a aristocracia do solo pela industria manufactora; deslocadas as influencias políticas; desorganizados os partidos; e completada em poucos annos, e definitivamente aceite hoje, uma revolução que havia custado ardentes luctas. Na Alemanha, constitui o Zolvorein uma grande unidade, precisamente em um ponto, onde as combinacões da politica haviam imaginado a diversidade e a oposição dos interesses; estabeleceu no meio da Europa, um foco de actividade industrial, que não tardou em estender-se através da multiplicidade dos Estados e das complicações das fronteiras; preparou o terreno, sobre o qual é

Bellime, que a morte roubou muito cedo á sciencia do Direito, era um pensador profundo.

(2) Encontrámos este documento na obra — citada na nota antecedente — de Belime. Declara Belime que tomara esse documento da obra de M. Mittermayer (*Principes du Droit commun privé*, § 19.)

Atenta a natureza do nosso trabalho, não nos incumbe entrar em desenvolvimentos ácereas das *Letras de Cambio*. Limitar-nos-hemos a indicar que o Código Commercial Portuguez trata d'esta especialidade na part. 1.^a, liv. 2.^o, tit. 7.^o; inscrevendo-se este ultimo: *Das Letras de Cambio, livranças, ou bilhetes á ordem, cheques e letras da Terra*. Na secção 1.^a trata especialmente da natureza e forma das *Letras de Cambio*.

destinada a fundar-se um dia a verdadeira confederação germanica,—obra laboriosa e lenta, que está ainda sómente na sua metade, e que para chegar á conclusão, tem ainda que encontrar muitos obstaculos. Assim mesmo, porém, e no ponto a que chegou a associação das alfandegas allemãs, com os principios que já desenvolveu, e maiormente com as perspectivas do seu futuro engrandecimento, deve ser considerada com um acontecimento igual, pelo menos, em importancia á reforma ingleza. (3)

Sobre a reforma das leis commerciaes em Inglaterra — tem-se dito quanto é bastante para encarecer os admiraveis resultados dos perseverantes esforços de Cobden, e da poderosa iniciativa de sir Robert Peel; e ainda mais persuasivamente hão fallado os factos, pois que a experiençia de uns poucos de annos veio confirmar a excellencia da liberdade da navegação e do commercio.

Mas, se *a priori* quizessemos chegar á mesma convicção, independentemente do que os economistas hão escrito, e da confirmação que a experiençia trouxe, não teríamos que fazer outra cousa, mais do que lér uma bella pagina da *Historia de Inglaterra*, escrita pelo talentoso Lord Macaulay, que me parece digna de ser apresentada aos leitores, como um modelo de bom juiço, de eloquencia, e finissima ironia.

Nos fins do seculo XVII fôra nomeada em Inglaterra uma commissão de inquerito sobre o estado do commercio. O relatorio que a commissão apresentou demonstrava que os tecidos, cuja importação era prohibida, tinham entrado constantemente em Inglaterra, ao passo que a matéria prima, cuja exportação era defesa, tinha constantemente saído. Escutae agora Lord Macaulay:

=A conclusão que deveria tirar-se d'este facto, vinha a ser que o systema prohibitivo era absurdo, pois que não só não acabára com o commercio, que tanto se temia, mas tinha ocasionado a apparição de uma raça de homens resolutos, os quaes, habituados a ganhar o pão de cada dia pela violação de uma lei irracional, caminhavam para o despreso das leis judiciosas, e depois de haverem ludibriado os agentes da alfandega terminavam por conspirar contra o throno. E se, no tempo da guerra, quando o canal — em toda a sua extensão — estava coberto dos nossos cruzeiros, fôra impossivel impedir a troca regular das lás de Costwold pelos tecidos preparados de Lyon... como acreditar que seriam mais efficazes os meios que se empregasse no tempo de paz? Todavia, os politicos no seculo XVII foram de parecer que leis severas, severamente applicadas, salvaram infallivelmente os inglezes do intoleravel vexame de vender caro o que per si mesmos podiam produzir melhor que os seus vizinhos, e comprar barato o que os seus vizinhos podiam produzir melhor do que elles. Foi aggravada a penalidade contra a importação das sêdas francesas. O parlamento fez uma lei, que dava a uma companhia anonyma o monopolio absoluto dos tafetás por um periodo de quatorze annos. O resultado d'estes avisados alvitres foi tal, como era facil prever. A importação das sêdas francesas continuou, e muito tempo antes da expiração do prazo dos quatorze annos tinha a companhia

(3) *Politique commerciale de l'Allemagne. Le Zollverein et l'Autriche*, par M. Charles Lavollée. (Rev. des deux mondes, de 15 de outubro de 1859.)

dos tafetás despendido todo o seu capital, fechado os seus escriptorios, e até o seu nome se havia riscado da lembrança dos clubs de Jonathan e de Garraway. == (4)

Digâmos agora duas breves palavras a respeito do *Zollverein*, e indiquemos os subsidios a que pôde recorrer-se para o estudo cabal d'esta especialidade.

Zollverein é uma palavra allemã, que tanto quer dizer como — união de alfandegas — e é empregada para designar a grande associação que abrange a maior parte dos Estados Allemães, circumdados de uma linha unica de alfandegas, e regidos pela mesma pauta. O pensamento d'este grande acto data do anno de 1815, desde que definitivamente se assentou a paz geral da Europa; tomou realidade em 1833, e por entre alternativas, que se foram succedendo, adquiriu consistencia, e dá mostras de acompanhar a unidade do imperio allemão, que em nossos dias estamos vendo desenvolver-se.

Não quadra ao plano d'este nosso humilde trabalho descer a miudezas; e por isso nos limitamos a dizer que são obras capitales n'este assumpto a *Historia da associação aduaneira allemã*, por M. Richelot; o trabalho de M. Faugère sobre o mesmo assumpto, e os de MM. Bères e de La Nourais. A *Revista de ambos os mundos* também publicou interessantes artigos a respeito do *Zollverein* nos annos de 1857, 1852, e 1859 (d'este ultimo anno é o artigo de M. Charles Lavollée, que atraç citámos.) No *Dictionnaire Général de la Politique* par M. Maurice Bloch vem um artigo muito desenvolvido ácerca do *Zollverein* pelo citado M. Richelot, que tem a vantagem de ser do anno de 1864, e, por consequencia, posterior á sua *Historia* que indicámos, a qual — na 2.ª edição — data do anno de 1858.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

AS FABULAS DE PILPAI

No reinado de Solimão II, um *mollah*, chamado Ali-Tchélébiban-Salek, julgou fazer um grande serviço aos musulmanos traduzindo em lingua turca as *Fabulas de Pilpai*, que se denominavam habitualmente *Pilrai*. Depois de vinte annos de trabalho o *mollah* dedicou ao sultão a traducción, a que deu o titulo de *Humaiounnamé* ou livro imperial. Fez extrair duas copias da versão, e offerecendo uma ao grão-visir pedio-lhe para entregar a outra ao sultão. O autor esperava uma recompensa, ou, ao menos, elogios; mas qual não foi a sua surpresa quando o visir fazendo o ir á sua presença o censurou amargamente por ter empregado, n'um trabalho frívolo, tempo que elle devêra antes consagrar no exame de algumas questões de direito turco! Felizmente para o traductor do Bidpai, Solimão era mais esclarecido que o seu visir, e amava e protegia as bellas-lettres, e encantado com o trabalho de Ali-Tchélébiban, elevou-o á dignidade de *cadi*, que o collocava em bom caminho para as grandes honras. A historia accrescenta que o visir ficou envergonhado da figura que fizera. É desde o meiado do seculo XVI que as *Fabulas de Pilpai* são conhecidas na Europa.

(4) *Histoire d'Angleterre sous le règne de Guillaume III*, par Lord Macaulay, trad. de l'anglais par Amédée Pichot. 2.ª ediç. Paris. 1861.